

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

12 de Julho de 2003 • Ano LX • N.º 1548
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Notas do Tempo

REPORTO-ME a notícia recente, em um dos nossos Diários, sobre a formação profissional, a qual vem ao encontro do que sobre este tema escrevi no Jornal de 31 de Maio.

Não sabia que «Portugal é o País que mais gasta nesta área» embora soubesse que se gasta bastante. Fico agora a saber, pelo «reconhecimento do nosso Secretário de Estado do Trabalho», que «somos os que temos piores resultados»; isto porque «as verbas não têm sido bem utilizadas».

Julgo que o termo de comparação é a Europa a que pertencemos e de cujos fundos comunitários tem vindo o financiamento, senão na totalidade, pelo menos em avultada parte.

Nunca o dinheiro fácil foi princípio saudável para uma acção que se quer frutuosa. Desperta interesses que não coincidem com os da formação pretendida; e esta aparece mais como remedeio e uma alternativa a situações de desemprego que apenas ficam adiadas sempre que as acções formativas não são de espécie requerida pelo mercado do Trabalho.

Pagar para aprender, em níveis de formação inicial, não é pedagógico, pelo menos em povos para quem o civismo não se respira abundante e sadio no seu ambiente. Ajudar a remover obstáculos que impossibilitam a aprendizagem; evitar burocracias, exigências supérfluas; ter à mão apoios pontuais a um aprendiz que deles carece e sem

os quais não poderia prosseguir — é muito diferente de uma formação subsidiada por inteiro.

Se o nível é de formação em serviço, trata-se de aprofundar ou especializar um conhecimento profissional de que se já possuem as bases, que é geralmente dirigido a gente que já exerce uma profissão — isso é outra coisa. Falo de uma formação inicial começada tarde, como já disse, para remedeio ou disfarce de desemprego — dispen-

diosa e, quase sempre de fracos resultados económicos e sociais. Porque não começá-la na hora própria, com crianças e jovens que até ao fim do primeiro ou mesmo do segundo ciclo da escolaridade básica, deram indícios de capacidades e de apetências que levariam a dirigi-los a um Ensino Técnico-Profissional de qualidade, que os colocaria, mentalizados e academicamente preparados, aptos ao acesso a um emprego na idade em que terminariam o seu curso e legalmente lhes seria permitido tal acesso?!

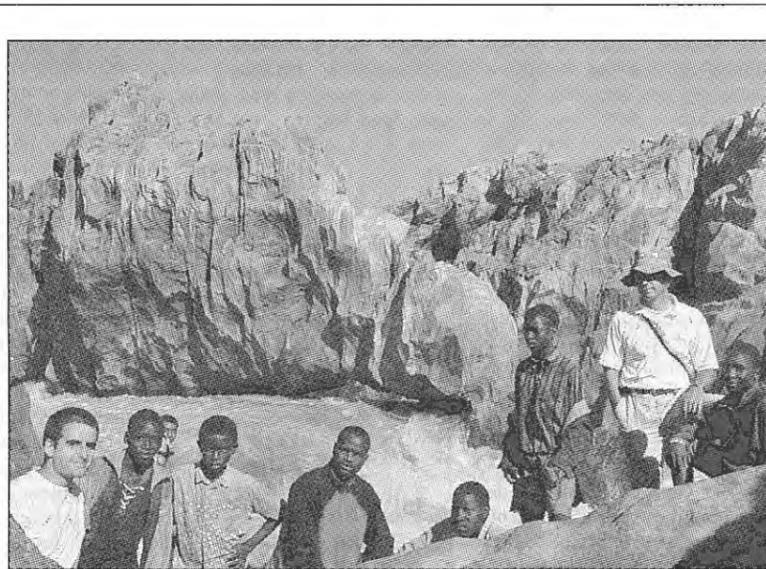
Penso que este é o caminho mais sério e transparente para a meta «dos cento e cinquenta mil técnicos qualificados de que o

País precisa» e que se pretende atingir, não sei bem como, até 2008.

Outro tema — e tem alguma afinidade com este! — me sugere o artigo «Cooperação séria» que Padre José Maria escreveu no nosso Jornal de 14 de Junho, ao jeito de um pequenino relatório.

É notável o bem que, por mãos dele e da Irmã Quitéria, tem irradiado da nossa Casa do Gaiato de Moçambique sobre as populações vizinhas, constituídas pelos deslocados

Continua na página 4



Benguela — Estudantes na cachoeira da barragem do Biópio.

BENGUELA

Educar é trabalho de muita paciência

QUERIA dizer maravilhas dos resultados escolares dos nossos estudantes. Queria, sim, porque levo, no coração, o desejo grande de ver os rapazes bem colocados na vida. Mas não posso ir tão longe quanto queria. É a insatisfação do pai de família, depois de investir uma parte muito importante dos recursos humanos e materiais na escolaridade. Contudo, não há motivo para o desânimo.

Educar é sempre um trabalho de muita paciência. Nada é automático na educação. O crescimento faz-se na medida em que cada um participa. Numa família natural os filhos são diferentes. Cada um tem o seu ritmo. A Casa do Gaiato quer ser a casa de família dos que a não têm. Chegam de todos os lados. São todos diferentes como são os pais que os geram e as terras que os viram nascer. Quanto amor e quanta paciência são necessários para ajudar cada um a caminhar de acordo com o passo que pode dar! Está aqui o segredo da educação responsável. É o ideal que vejo diante de mim, sempre cheio de muitas limitações humanas. Por isso, partilho convosco o que estou a sentir, neste momento. Ando queimado pela ansia de ver as pessoas a andar para a frente. Os pais dão as mãos aos seus filhos. As nossas vão, ora atrás, ora à frente, a dar confiança.

Na escola, só o amor de pai e de mãe no coração dos professores, pode levar com fruto o trabalho de ensinar. A preparação científica é insubstituível, mas não chega. Vejo como alguns dos nossos pequenos, a quem lhes faltou o carinho da família natural, têm dificuldades acrescidas na assimilação do ensino. À medida que vão ganhando a estabilidade, que vem do amor feito paciência, os bons resulta-

dos também aparecem. Um grupo dos que não tiveram alguma negativa, durante o trimestre passado, foi, em passeio, no último sábado, até à barragem do Biópio. O entusiasmo era grande. Quem dera sejam muitos mais.

Continua na página 4

Património dos Pobres

O que narrei, n' O GAIATO de 17 de Maio, relativo ao pedido daquela heroína, com dez filhos, abriu o coração de muita gente.

Sê exigente contigo! Não gastes em leviandades nem o teu dinheiro, nem o teu tempo, implorava, eu, carregado com as precisões de tantos Pobres.

Veio algum dinheiro. Paguei o resto do compromisso com as casas de Guilhufe. Cinco mil euros! Paguei, também, o telhado de outra casa nova, de outro paraplégico, com três filhos, levantada com a ajuda dos seus amigos: «olhe que ainda não paguei um centimo de salários» — partilhava consolado.

A casa, em osso, já tinha placa, empenas e vigas para suportar o telhado. «Estou a pagar o material ao armazém. Vinte contos por mês».

Acho interessante esta forma de avaliar o dinheiro. O Povo ainda não se habituou a pensar em euros. O valor do escudo era muito reduzido relativamente a outras moedas. Os euros são um engano, por isso o Povo prefere falar em contos.

Dei-lhe um cheque de mil euros. Ali mesmo. Tinha levado o livro de cheques e, para que o doente não gastasse mais em viagens e consumições, preenchi-o e entreguei-lho: — Dê graças a Deus que isto é uma ajuda do Senhor!

Nós somos mensageiros, Deus é quem impera!

Com o «Quim Carpinteiro» fui ver outra casa que a Obra ajudou, há tempos. Os meus olhos caíram logo no telhado, facilmente observável do alto da estrada íngreme que descíamos.

As telhas novas, colocadas de qualquer maneira, sem esquadria, inseguras, sujeitas a voarem a qualquer temporal chamaram-me a atenção.

Esta pobre evidencia necessidades de alguém sabedor que acompanhasse o empreiteiro, pois os erros na construção, além de graves, prejudicam-na.

Continua na página 4

Porte pago

O GAIATO não tem preço: — afirmação feita por milhares de Leitores ao longo de mais de meio século!

Não há dinheiro que o pague.

O seu Fundador nunca o marcou... E nós também assim entendemos. Se traz no cabeçalho o seu custo é pela força da lei que nos obriga. O preço é lê-lo.

São muitos os Leitores que o relêem na ânsia de saborearem o seu conteúdo até à exaustão e nos consolam com ressonâncias oferecidas, muitas vezes, à comunidade assinante.

O Jornal tem custos. O porte é, talvez, um dos maiores.

O Estado, no seu dever de difundir a cultura, suporta-o em 80%. É o porte pago. Há muitos portugueses para quem O GAIATO é a única leitura apetecível.

O Estado, não fazendo mais do que o seu dever, vem agora pedir-nos contas, através de uma auditoria, e reparar nas faltas de pagamento a que chama contra-ordenações. Há gente a esquecer-se que o Jornal tem despesas.

A auditoria do Estado não perdoo! O Estado não tem alma! Só tem olhos para ver o dinheiro! A nossa Obra não cabe nos seus esquemas. Ameaça-nos. Não permitas que Ele tenha razão. Põe as contas em ordem. Havendo assinantes distraídos, o Estado quer obrigar-nos a suspender-lhes o envio do Famoso ou corta-nos o porte pago. Não deixes. Cumpre!

Padre Acílio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CASAS PARA POBRES

— Continuamos o acabamento de obras de moradias do Património dos Pobres, aqui, em Paço de Sousa. As primeiras que Pai Américo levantou.

São grandes investimentos no tempo que corre e a que Pai Américo, nesta terra, serviu para dar lições a muita gente, pelo País fora.

Agora, estamos na casa *Rua 5 de Outubro — Porto* pela qual entregámos ontem um cheque ao mestre de obras. Fazemo-lo deste modo por nos ser mais fácil e termos a *massa* que precisamos de distribuir pelos Pobres à nossa conta.

A dita moradia é das mais pequeninas que Pai Américo levantou. Tem a cozinha, retrete com casa-de-banho, sala-quarto, tudo sem alargarmos por demais a primitiva área.

A casa situada em frente, no mesmo lugar, é do Serafim, que ainda ontem nos disse, com muita satisfação, que está desejoso de poder receber um banho *«para satisfazer uma limpeza do meu corpo»*.

Esta moradia foi *rusticada*, isto é, um risco branco na pedra. Beneficiou também de uma fossa séptica porque a localidade, apesar de Vila, ainda não tem rede de saneamento e a respectiva *etar* não serve para nada...!

Na outra casa, em frente, dita de *Nossa Senhora do Carmo*, a quem Pai Américo tinha grande veneração, mora uma viúva que beneficiou duma fossa séptica, exactamente porque a localidade não tem rede de saneamento. A viúva que lá está alojada tem muito amor à sua casa, seja em limpeza ou na própria conservação.

Praticamente, o prédio precisa das mesmas obras do anterior. Trabalhos que nos levam milhares de euros...!

PARTILHA — Assinante 14011, da Cruz Quebrada, 300 euros *«para o que mais urgente for necessário, segundo o que entenderdes. Agradeço que não me enviem qualquer recibo ou cartão»*.

Assinante 59441, do Porto, 25 euros e *«desculpem de só agora mandar a minha oferta, mas a vida está cada vez mais difícil»*. Não tenha dúvida nenhuma.

«Uma assinante de Paço de Arcos, número 5963, com a partilha habitual e saudações fraternas no amor do Pai, com amizade».

Dez euros, da assinante 3600, do Porto, *«o destino será aquele que entenderdes. Não é preciso recibo. Deus encaminhe, segura, esta mínima importância até aí»*.

Vinte e cinco euros, da assinante 6418, de Lisboa, *«pedindo uma oração por três amigos que partiram no mês de Maio. Deus abençoe todos pelo bem que fazem»*.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ANO LECTIVO — Chegámos ao fim de mais um ano escolar e não podemos deixar de agradecer a todos os que nos ajudaram: Escola, Câmara Municipal de Penafiel, Junta de Freguesia de Paço de Sousa e à Escola secundária Carlos Amaranente que nos concedeu as instalações para o almoço, no dia da nossa visita de estudo.

Não podemos esquecer a manhã maravilhosa que passámos na Bracalândia, onde aproveitámos para nos divertir com os colegas, auxiliares e professores.

De tarde, visitámos o Bom Jesus de Braga e o Sameiro. Regressámos cansados, mas felizes.

Alunos do 4.º ano

DESPORTO — Chegou ao fim a época de futebol de 2002/2003. Acabou da melhor maneira: com os Iniciados a fazerem uma digressão até às terras do Sado. Saímos de Casa às 06h30 e fomos direitinhos a Fátima. Tomámos o pequeno-almoço, e fomos ao Santuário. Não como turistas, mas para pedir... e agradecer àquele que é nossa Mãe, entre outras coisas, e podermos estar ali na Sua presença, com vida e saúde. Alguns Rapazes nunca lá tinham ido! Gostaram e todos souberam respeitar aquele local sagrado. Não foi necessário dizer nada, nem chamar à atenção quem quer que seja. Eles tinham consciência do sítio onde estavam.

Uma hora depois, seguimos para Setúbal, onde chegámos por volta do meio-dia. Almoçámos, e no final, tomámos a direcção da nossa Casa de Setúbal. Fomos recebidos tal qual como esperávamos: de braços abertos e de sorriso nos lábios, tanto pelo nosso Padre Júlio como pelos Rapazes.

Tínhamos o jogo com o Vitória de Setúbal às 17h00, pelo que, na devida altura, lá nos apresentámos. Quando chegámos, estava à nossa espera o senhor Fernando Tomé. Antigo jogador do Sporting Clube de Portugal e do Vitória Futebol Clube, hoje, coordenador das camadas jovens. Estávamos a visitar a luxuosa sala de troféus e a receber explicações dos mesmos, quando chegaram os conhecidos treinadores: Quinto e Carlos Cardoso. Cumprimentámos e conversámos um pouco.



O passeio escolar dos alunos do 4.º ano, à Bracalândia, foi uma maravilha.

Há hora marcada, começou o jogo naquela relva bem tratada com as três equipas vestidas a rigor. No que diz respeito ao jogo, correu bem, mas não é desprestígio nenhum dizer que a vitória ficou, e de que maneira, com o Vitória de Setúbal. O objectivo estava alcançado, era o de poder estar ali. Se estávamos felizes, ainda mais ficámos quando demos pela presença do Padre Júlio, que tinha chegado com uma carrinha cheia de rapazes, para nos aplaudir, não evitando que tivéssemos feito o pior desafio da época.

Depois do jogo, regressámos à nossa Casa de Setúbal onde nos integrámos totalmente na vida da Casa. À noite, fomos dormir à casa da Arrábida. Outra satisfação para os Rapazes. Aliás, essa foi a surpresa que o Padre Júlio tinha para os atletas de Paço de Sousa e que eles não se fizeram rogados em estagiar naquele hotel para o jogo que faltava.

No dia seguinte depois de arrumarmos tudo, tomámos a direcção de Aljeruz onde, novamente, em comunidade participámos na Celebração Eucarística. Tomámos o pequeno-almoço e de seguida realizámos o segundo jogo, desta vez, com os Rapazes de Setúbal. Correu bem!...

Logo após o almoço, regressámos à nossa linda e formosa Aldeia de Paço de Sousa, tínhamos à nossa espera a D. Adelaide, a senhora que muito bem prepara a merenda para os jogadores, e o nosso Padre Manuel Mendes, a fazer recordar outros tempos em que para nós era uma satisfação, uma alegria, um incentivo ouvir aquela voz: «Então, por quantos perderam? Correu tudo bem?»

Durante a viagem, parámos várias vezes. Fizemos um pequeno desvio para mostrarmos, por alto, a Figueira da Foz, etc.

Depois de tudo isto, é bom sublinhar que no total só éramos trinta pessoas e todos souberam ter um comportamento digno e saudável. Nunca faltou alegria e boa disposição, não por estarmos em passeio, mas porque somos assim mesmo. Os mais velhos, nomeadamente

o «Carlos Pote», Ricardo Filipe (sempre a rir e a estudá-la...), «Teixugueira», Fernando, etc., muito atentos aos mais pequenos. Que vitória esta!!! Por isso, é que nós somos uma família para os sem-família e que Pai Américo fez questão de ser de Rapazes, para Rapazes e pelos Rapazes.

Até Setembro (...), se Deus e os homens quiserem.

Alberto («Resende»)

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

ENCONTRO — Noticiado na última edição d'O GAIATO, realiza-se em Paço de Sousa a 20 de Julho; o almoço e a merenda são oferta da Casa.

Como em anos anteriores, o Encontro começa com a recepção aos sócios.

9.30 — Reunião da Assembleia Geral, este ano com muito trabalho a ser apresentado: desde o esclarecimento para a legalização da Associação, para a qual já se esboçaram os Estatutos, que estão a ser analisados e corrigidos para que tomem forma legal, passando pelo regulamento interno, até ao projecto que queremos que ela assuma como veículo de desenvolvimento e de apoio. Gostaríamos que fosse uma reunião onde todos estejamos presentes e, fundamentalmente, atentos. O desejo de termos uma Associação activa é muito grande.

11.30 — Será depositada uma coroa de flores junto ao túmulo de Pai Américo, cerimónia simples, mas que significa a nossa gratidão pelo Homem que nos amparou e nos abriu novos horizontes à vida.

12.00 — Celebração da Eucaristia; entendemos que seja difícil a alguns estar presente, mas temos a obrigação de agradecer ao Pai, renovando o nosso espírito cristão, pois assim fomos criados e foi nessa Fé que se tornou possível ser-

mos o que somos. Mais não seja, o exemplo que devemos dar aos rapazes que integram a actual comunidade.

Depois, será o almoço.

Ainda, da parte da manhã, temos agendado um jogo de futebol entre a equipa de iniciados da Casa do Gaiato e os netos da Obra, os teus filhos, para o que devem trazer equipamento todos aqueles que queiram participar.

Durante a tarde, podes actualizar os dados referentes à tua morada e telefone, e pagar a quota que ficar estabelecida na reunião da Assembleia Geral.

15.30 — Espectáculo de variedades, que os rapazes da Casa andam a ensaiar há já algum tempo. Também está previsto haver um jogo de futebol entre os antigos e actuais gaiatos, agora, com a equipa principal da Casa. Há piscina para refrescar.

17.30 — Merenda.

Depois, serão as despedidas habituais e a debandada de cada um para sua casa.

Júlio Fernandes

MALANJE

ESTUDO — O estudo obrigatório deixa de ser uma «dor de cabeça», tanto para alguns «Batatinhas», quanto para alguns «fugitivos».

Nota-se grande melhoria, isto porque, agora, até os mais «fugitivos» já participam no estudo, de modo a recuperar e a aproveitar o tempo que vinha a ser desperdiçado. Esta participação activa no estudo obrigatório, deve-se à presença dos «nossos seminaristas», que estão a passar as suas férias semestrais connosco; também têm dado a sua ajuda mostrando o valor do mesmo. Por isso, dando graças a Deus, vamos abrir portas para um bom resultado final do ano em curso.

UMA VISITA — Está connosco, neste momento, a senhora Maria Olímpia. Com ela temos partilhado muito, as ora-

ções familiares (como o Terço), as alegrias, os trabalhos, as experiências..., enfim! A senhora Maria é muito boa! Quanto à sua paciência, só Deus sabe.

Portanto, não deixamos de nos alegrar e gostamos da sua estada, cá, em Malanje, na nossa Casa, porque a sua simplicidade, humildade e beleza deixa-nos antever mais visitas do género.

«Paizinho Cascão»

MILHO — Fizemos mais uma colheita. Infelizmente, este ano, não foi boa, em relação aos anos transactos, mas na vida é mesmo assim: nem sempre as coisas se repetem, ou, então, o ditado ensina «na vida há altos e baixos».

O sábado foi o dia escolhido para a colheita, depois do pequeno-almoço, com excepção dos «Batatinhas» que se responsabilizaram pela limpeza da Casa, fomos para a colheita, cumprindo o que diz o salmista: «à ida vão a chorar e à vinda vêm a cantar, trazendo molhos de espigas». Com isto quero dizer que difícil, é trabalhar; e alegre, é colher.

«Sebas Pequeno»

SETÚBAL

LAR — Começamos a fazer obras de melhoramento nas casas-de-banho e refeitório, pois havia infiltrações de água nas paredes. Queremos que o Lar de Estudantes seja um local com todas as condições para que os rapazes obtenham bons resultados escolares.

DESPORTO — No passado dia 21 de Junho recebemos o Grupo Desportivo da nossa Casa de Paço de Sousa. Vieram fazer um jogo com a equipa de Iniciados do Vitória de Setúbal, em que o resultado não foi o esperado. No dia seguinte jogámos com eles, marcando o *placard* o resultado final de 2-2. Ficamos à espera de mais equipas.

FESTA ANUAL — Em 6 de Julho, estiveram connosco os gaiatos antigos para festejar mais um aniversário da nossa Casa. A festa foi muito animada. Começou com a Celebração da Eucaristia, a que se seguiu a preparação do almoço. Da parte da tarde houve jogos e piscina, sendo a merenda acompanhada com música e boa disposição.

VACARIA — Nasceu mais uma vitelinha. Depois de terem nascido vários bezerros, finalmente nasceu uma vitela. Para nós são mais importantes, porque estamos mais virados para a produção de leite.

António Loureiro

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho, 63.750 exemplares.

PÃO DE VIDA

Do silêncio à mesa

QUEM alguma vez se sentou à mesa do nosso refeitório, compreende que mais de cem rapazes se entusiasmem, quando partem e rilham o pão, ao longo das refeições.

Não foi neste contexto que Jesus confiou aos mais próximos as palavras decisivas, de que a Igreja é fiel transmissora?

O silêncio assusta as pessoas que vivem os momentos na superficialidade das relações.

O tempo que vivemos é marcado pelo pouco silêncio, que se reflecte necessariamente nos encontros marcantes do dia-a-dia de uma comunidade de adolescentes com histórias pessoais tão instáveis, em que não se vislumbra o carinho e a firmeza dos pais, que pacificam os corações tenros.

Américo de Aguiar teve uma infância feliz; mas, quando estava a trabalhar, no Porto, aos dezasseis anos (1904), também reconheceu as perturbações dessa fase de crescimento: «As tempestades são muitas e o navio é frágil».

Esta é uma família especial, em que ainda se abençoam e agradecem os alimentos, e se procura educar teimosamente para a interiorização de hábitos benéficos. É uma tarefa contínua, que passa pelo acompanhamento nas necessidades mais básicas, nomeadamente a alimentação, com a devida postura à mesa e o combate ao desperdício.

No nosso pequeno-almoço há menos ruído; mas, quando o dia cresce, as alegrias e as dificuldades vão para as horas de encontro à volta dos alimentos, que nos dão para os fortalecer.

O «Gadonha», no exercício de servente, pegou em três canecas grandes com o nosso leite, a ferver, «para ser mais rápido», mas ficou pelo caminho...

Quando se corre, sem raciocinar, seria melhor parar, para nos abirmos ao silêncio e, então, receber uma resposta adequada à situação que nos inquieta. Aqui não é possível experimentar o valor do silêncio até ao extremo, como nos *Cartuxos*. Entre nós, o mundo invade-nos com as reacções comportamentais daqueles que desprezou e tornou turbulentos. Mas, também eles são chamados a sentir necessidade de momentos mais tranquilos, para saborear o pão, que deixou de ser cozido por eles.

A algazarra das refeições é entrecortada pelos sinais de aviso e conduz a algum tempo de calma.

Nas tormentas por que passam, há ondas que os afundam, porque, na fragilidade das embarcações, o Mestre parece dormir e os ventos que os fustigam ainda não Lhe obedecem. Ele falava com autoridade, no seio das tempestades.

Padre Manuel Mendes

SETÚBAL

Terrenos duros

NESTA tarde de Domingo, um grupo dos nossos rapazes, que participaram nas Festas, foi partilhar a vida que os anima com pessoas idosas que vivem num Lar da nossa cidade. Bem gostaria de ter ido com eles. É de grande valor esta acção, que gostaríamos de repetisse com outras pessoas em situação de ausência da família. Ninguém melhor do que os nossos rapazes poderá intuir a carência de uma família, também eles já passaram por essa experiência.

Com os nossos gémeos, meti-me à estrada para conhecer a situação de três outros rapazes.

O primeiro, ainda novo, aguardava com a mãe, em casa, a nossa chegada. Estava ela com outro filhos nos braços, ainda de tenra idade. Contou-me das saídas do pequeno que motivou a nossa ida, e das suas ausências por longas horas; levantava-se de madrugada e desaparecia, sem se saber por onde andara todo aquele tempo. Ela, ficava em casa o dia todo a cuidar do bebé, vivendo dos abonos.

Pareceu-me pouco verosímil a história; não encontrei resposta para a falta de interesse e cuidado desta mãe para com o filho, ainda fora da idade escolar. Se todos dormiam no mesmo quarto e passavam juntos o dia, onde a dificuldade em controlar as ditas saídas?

De seguida, fomos conhecer dois adolescentes a uma Instituição, que encontra muitas dificuldades para os educar. Um deles, ultrapassou o limite de faltas na escola, sem deixar nunca de frequentar o espaço escolar. O outro, repete, pela terceira vez, o mesmo ano e não dá mostras de querer mudar de atitude. Acresce que vai assumindo alguma agressividade para quem o educa.

Falei com os dois, achei-os serenos e abertos.

Não duvido que quem os recebeu e assumiu a sua educação, tudo tem feito ao seu alcance para levar a tarefa a bom porto. Não duvido. Mas não podemos perder de vista,

embora os tempos apontem noutra direcção, que quem começa a lavar nestes terrenos, tem sempre de contar com a dureza dos mesmos, e com a dificuldade da acção a que meteu ombros. Se educar sempre foi uma tarefa difícil, sê-lo-á hoje mais, também pelas oposições criadas por quem nada faz e tudo sabe.

Entre nós, também temos rapazes que frequentam os recintos escolares e, ou não tiveram aproveitamento ou ultrapassaram o limite de faltas permitido. Tivemos um dos nossos que, levado à escola com os do seu grupo, só o voltamos a ver na madrugada do dia seguinte, quando a Polícia no-lo veio entregar, ao ser encontrado a dormir, na casa de um colega, pelo pai deste. Tanta coisa o atrai e anima na nossa quinta, mas a escola!...

Se dantes, com os filhos criados, os trabalhos eram dobrados, hoje, com eles em criação, os trabalhos não são menores. Cedo começam os problemas porque mais cedo entram em contacto com o mundo.

Que Deus nos dê coragem para não olhar para trás depois de metermos mãos ao arado.

Padre Júlio

Cartas

«Leio o vosso Jornal sempre com grande apreço e preocupação, por saber que aquilo que envio é muito pouco para acudir a tamanha necessidade. Muito admiro a vossa dedicação para ajudar crianças em situação difícil, provocada por uma sociedade desumanizada, sem valores morais e religiosos. Abandona-se o costume de frequentar a

igreja, aos Domingos, para ouvir a Palavra de Deus e assimilá-la; para dar lugar a outras práticas pouco recomendáveis. Foge-se das responsabilidades e pratica-se a imoralidade. A sociedade está mais preocupada com a educação sexual do que com a religião e a moral. Os valores morais e os deveres cívicos são substituídos pelo prazer

reza, criaturas indefesas. Não podem ter perdão tais atitudes.

RECEBEMOS — Amiga, de Fiães, agradecemos as suas ofertas. Assinante 22890 envia a sua oferta para tapar algum buraco. Da Amadora, a mesma coisa. Assinante 16696, envia a sua oferta porque tem verificado que a nossa Conferência é muito pobrezinha. Pereira, cinco euros. De Aveiro, trinta. Assinante 33275, assinante 11282, Silva e, de Aveiro, vinte euros, respectivamente.

Agradecemos do coração todas as ofertas e cartinhas que nos têm enviado. Bem-haja e que Deus vos pague.

Maria Germana e Augusto

simpatia sobre as crianças. Estas sentiam-se atraídas por Aquele Homem tão bom, tão amável e compassivo, que espalhava o bem por todo o lado.

Um dia, reuniu-se em volta d'Ele uma verdadeira multidão de criancinhas. Umas, correram ao seu encontro; outras, foram levadas nos braços das mães, para que Jesus impusesse as mãos sobre elas e as abençoasse. Mas, os discípulos, ao verem aquela multidão irrequieta de garotos, pensaram que estavam a aborrecer o Mestre e, dirigindo-se-lhes, pediram-lhes que O deixassem.

Jesus reparou nisto e tal atitude desgastou-O. Por isso, ao mesmo tempo que chamava para junto de Si as crian-

DOCTRINA



Uma furgoneta

NÃO é por luxo nem conforto; é por necessidade. Eu preciso de um carro. Um carro para ir depressa, para conhecer melhor, para tentar Obra mais perfeita. Esta Obra também é uma empresa. O tempo, aqui, também conta e é dinheiro. A miséria social avança em carreira vertiginosa e os remédios do mal devem ir da mesma sorte. Eu quero uma furgoneta. Mesmo que venha descalça, tenho fundadas esperanças de conseguir sapatos. Peço em Lisboa. Seria este o primeiro *non*. Afiz-me a ter confiança. Os nossos ministros costumam declarar, por delicadeza, que tudo me devem; e eu digo, por convicção, que tudo lhes devo.

NÃO me roubes a esperança nos homens, reflexo daqueloutro, infinita, que eu tenho em Deus. Dá-me um carro ligeiro. Não se trata de uma ambulância, nem de um salva-vidas, nem de umas muletas, muito menos de um carro celular!... É mesmo para evitar, mais tarde, estes carros, que eu te peço, agora, um carro ligeiro, prático, útil! Os doentes que eu pretendo curar são-no da alma, cujas doenças se curam com beleza. Estas crianças procuram-na, como as plantas, o sol. Dar-lhe beleza é conquistá-las. Há carros tão lindos! O que não vai ser uma furgoneta na nossa Comunidade! Que fonte inesgotável de prémios e de castigos! Que grande «pedagogo» não vai entrar em nossas organizações! Considera e determina-te agora.

O nosso Carlos Alberto, aquele simpático gaiato de Lisboa que sofreu, há tempos, heroicamente, um dos mais pesados castigos que temos aqui aplicado, este castrão, digo, tem um jeito para trabalhos manuais. Já estaria, até, numa Escola Industrial do Porto, mas está ainda muito cru para que o possa soltar. Pois, o Carlos Alberto quando sai comigo de automóvel, senta-se ao lado do motorista e fila toda a viagem, todos os movimentos, perfeitamente esquecido do que se passa fora daquele lugar. Ora aqui temos o futuro guia do carro da Casa do Gaiato. Temos tudo, tudo, tudo! Somente nos falta a tua palavra. Fala!

P.S. — Só quero um carro.

D. Amín. S!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

e devaneios, sem responsabilidade. O que importa é o nosso bem estar, os cuidados são para os outros.

Como disse Jesus, Pobres sempre os teremos, mas que cada um de nós faça um esforço para que não haja tantos pobres.

Assinante 64681»

«Envio cheque para O GAIATO e o que resta, seja destinado aos vossos Pobres mais carenciados, de quem são, só vós o sabeis e distribuição justa sei que o fazeis.

Tenho recebido O GAIATO, que é para mim a primeira prioridade nas minhas leituras, e dele retiro tudo de bom que ele contém, e esforço-me por pôr em prática e peço ao Senhor a ajuda para todos os que trabalham nessa Obra de tão grande importância e louvo e aprecio

todo o vosso esforço na educação dos vossos Rapazes e confio no vosso trabalho para deles fazer verdadeiros homens.

Assinante 57435»

«Agradeço todo o trabalho de que sois capazes e todo o amor que dais aos gaiatos! Sois um bálsamo para mim, pois, muitas vezes, estou cansada deste mundo tão egoísta.

Gosto muito de ler, também, as pequeninas notícias que cada gaiato escreve a contar as novidades da Casa, é como se estivesse a saber notícias dos meus familiares.

Parabéns pela vossa Obra, pela vossa alegria.

Aí vai "uma fitinha p'ró chapéu" e pode ser que Ele nos vá dar um "lugarzinho no Céu".

Assinante 72999»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Dia 1 de Junho, Dia Mundial da Criança, é tempo de meditarmos sobre o assunto, as nossas crianças, a boa educação e a forma como as tratamos, com tantos problemas que se estão a descobrir, hoje em dia, é boa altura para pensarmos nelas com carinho e respeito.

Jesus e as crianças, um pequeno excerto do livro *Cristo vivo*:

«A bondade de Jesus atraía os corações rectos e simples. Exercia especial e irresistível

TRIBUNA DE COIMBRA

Amor de família

DOENÇA súbita prostrou o M. Paulo, numa cama do Hospital, com prognóstico reservado. O Marco é nosso desde os oito anos. Tem, agora, dezoito. O Marco Paulo é nosso! Gosto deste possessivo; sofremos por ele. O mundo, às vezes, não compreende porque não ama. O nosso possessivo é de eleição.

Ficámos aflitos. Foi uma manhã, de sábado, cheia de perturbação. De Casa ao Centro de Saúde e, dali, ao Hospital, um misto de incerteza e de ansiedade. Alguém nos disse da competência da equipa médica que trata destes casos, para nos tranquilizar. De qualquer modo, procurámos, logo, gente conhecida a quem o recomendámos. Passadas aquelas horas, longas, de incerteza, o Marco começou a acordar. Era já madrugada de Domingo.. Ficámos todos mais tranquilos, embora saibamos que é ainda incerta a evolução e o desfecho. Ontem, rezámos por ele ao Senhor e recomendámo-lo à protecção da Mãe do Céu.

À noite, estivemos ao pé dele, o irmão e eu. Expliquei-lhe o que tinha sucedido, pois ele de nada se recordava. Perguntou-me se era Domingo; se já tinha ido celebrar a

Miranda do Corvo. Disse-lhe que sim e tínhamos rezado por ele. Gostei que tivesse tido este pensamento. Um campo de férias e um Convívio Fraternal, em que recentemente participou, trouxeram-lhe de volta a sua luz, que voltou de novo a brilhar... Ficou visivelmente feliz em saber que tínhamos rezado por ele, e agradeceu. Hoje, voltei, de novo, ao pé dele. Perguntou-me se os seus professores já tinham perguntado por ele; que lhes dissesse porque é que estava a faltar. Manelzito é outro nosso que também está internado para lhe ser implantada uma prótese. O Marco é que tomou à sua conta, levar-lhe ao Hospital, o que fosse preciso enquanto lá estivesse internado. Sexta-feira tinha trazido uma lista..., que não me esquecesse, insistiu, de lhe levar o que tinha pedido. Fiquei impressionado: Quanta beleza escondida no coração destes rapazes, só Deus sabe e conhece melhor!

O Marco será operado a um aneurisma. Operação difícil e de certo risco. Confiámo-lo ao poder do Céu e ao amor de família que tens por nós.

Padre João

Benguela

Continuação da página 1

Já aqui dei a notícia de que uma dúzia de rapazes mais velhos estão a trabalhar numa empresa multinacional, ligada ao ramo da exploração do petróleo. A Sonamet descobriu o caminho para ajudar, numa forma eficaz, a Casa do Gaiato. Não dá dinheiro. Nem sequer lho pedimos, que há outras necessidades mais urgentes, em certas circunstâncias. Pedimos trabalho para os que estão na casa dos 18, 19, 20 e mais anos. Chegam até aos 25. O mercado do emprego é, de veras, muito complicado. Grande parte das empresas está paralisada. Uma porta que se abre e aponta para um futuro confiante, é uma bênção fecunda para a Casa do Gaiato. Assim acontece.

Há, contudo, exigências

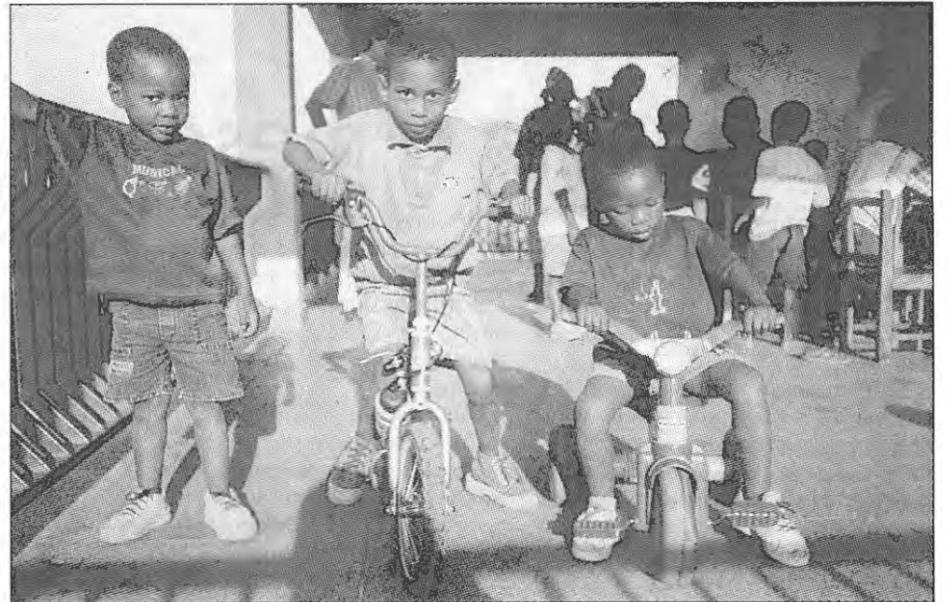
quanto à preparação escolar. Alguns não foram tão longe porque falharam, antes, na escola. Quase todos os dias, em família, falo aos rapazes no futuro a ser preparado por eles no caminho do aproveitamento escolar. É curioso que todos me escreveram a dizer que querem estudar muito para ser alguém na vida. É interessante. Mas, diante da disciplina exigida e do esforço pedido no estudo, os resultados não são tão bons como podiam ser. Daí a necessidade do acompanhamento muito assíduo.

É consolador, por outro lado, ver subir na vida, com a ajuda da Casa do Gaiato, outros e outras que ficaram pelo caminho. Estou a ver aquele pai, ainda jovem, que veio trabalhar connosco com a escolaridade rudimentar. Já vai no ensino

Médio, sem ter reprovado ano algum. Veio, há momentos, pedir-me dinheiro para pagar as quotas da escola, onde estudam os cinco filhos.

Costumo dizer que é uma gotinha de água no oceano imenso das necessidades. Quem dera mais e mais! Esteve connosco, há dias, o Cônsul de Portugal, em Benguela. Gostámos muito da visita pela oportunidade que nos deu de conversarmos sobre o tema, sempre importante, da autêntica cooperação de Portugal e Angola. A ajuda na área escolar como na área da saúde e assistência esteve no centro da nossa conversa. É a dimensão humana a sobrepor-se à dos negócios e outras, sem menosprezo por nenhuma destas. Gostei do espírito que o anima no exercício das suas funções. Entendeu a mensagem da nossa presença em Angola, há cerca de quarenta anos, como ajuda no desenvolvi-

Padre Carlos



«Batatinhas da Casa do Gaiato de Moçambique»

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Nada mais caro que fazer e desfazer para tornar a fazer.

Fiquei ainda amargurado com a situação financeira que ela vive.

Para construir, pediu emprestado. Não ao Banco que o Banco só empresta a quem possui bens, salários ou fiadores. Ela não tem

mento da pessoa e reparação por aquilo que devia ser feito e não se fez; e pelo mal praticado. Estou convencido que também o anima o espírito de missão e não de mero funcionário. Com a sua juventude e grande abertura, como é próprio da gente jovem, vai prestar bom serviço a Angola e a Portugal. Bem-haja!

Padre Manuel António

nada. Tem, sim, três filhos e o marido alcoólico que a maltrata.

Pedi a particulares. A um, mil contos. Paga ao mês cinco por cento de juros. A outro, mais mil contos. Paga também mensalmente dezoito por cento.

Os Pobres estão sujeitos a tudo!

Meu Deus, como me arrepiei!... Como é que esta mulher vai pedir dinheiro tão caro?! E como há gente capaz de explorar tanto os desgraçados.

Se não fosse a Lei do Evangelho, iria denunciá-lo. Assim, não. Espero arranjar os cinco mil euros, com a tua ajuda, e aguardar que Deus chame à pedra o usurário!

Sofrer com os Pobres, é a minha dita e para eles pedir, o meu alívio.

A assinante 57623, desabafa na sua carta de há dias:

«Fiquei comovida com a descrição com a mãe de dez filhos. A santa mãe como tão bem diz. Porém, mais do que comoção senti o peso da responsabilidade em relação ao Outro (...). Após a leitura da sua crónica, nesse mesmo dia, fui assaltada por um remorso, uma culpa do dinheiro mal gasto! Coloquei o jornal num local estratégico para me recordar todos os dias desta mãe (...) Para me lembrar a mim mesma que não devo gastar dinheiro mal gasto em coisas supérfluas, pois há quem tanto precise dele!

Estou a tentar colocar-me no caminho certo, é só isso de que se trata».

Faz o mesmo.

Padre Acílio

Malanje

ADORO este planalto. Nos dias sem vento, as árvores são estátuas vivas como num momento de oração. Hoje, nem as palmeiras acenam. As nuvens também pararam no céu. Esta quietude consola e mergulha-me. Troveja lá longe. Será um prenúncio de tempestade? Se é, tudo a espera. Agora, uma rola acentua o silêncio das coisas. Logo a seguir, o barulho rouco de um avião, mal querido pelas colinas verdes. A rola continua. É ela a dar o tom a esta tarde tão bela e calma.

Se os homens imitassem as árvores e parassem mergulhando os olhos nas belezas da natureza e infinitude do céu...

Com o avanço dos anos, vou tendo uma nova noção das coisas. Vejo a natureza de um modo diferente. O canto dos pássaros e o balançar das árvores têm outra voz. As pessoas, os animais e, até, os próprios pedregulhos e penedos têm outra fala.

No aspecto social e humano sinto a ameaça de uma nova inquisição:

Os juízes estão na ponte dum rio profundo:

Primeiro juiz:

— És contra o aborto?

— Sou contra.

— Lançai-o ao rio.

Segundo juiz:

— E tu, és contra o divórcio, a pílula e o amor livre?

— Mesmo contra.

— A fogueira... lançai-o ao fogo.

Terceiro juiz:

— Concordas com a homossexualidade e a droga?

— Não concordo.

— Rio. Atirai-o.

Outros julgados:

Primeiro juiz:

— Tens comunicações pela Internet, usas telemóvel, frequentas discotecas?

— Nada, não.

— Seja banido. Elemento estranho.

Segundo juiz:

— Acreditas em Deus? Rezas?

— Pois, sempre.

— Seja sujeito a um novo interrogatório e mais profundo. Elemento inútil na nossa sociedade de prazer e de consumo.

Terceiro juiz:

— Tens amigos? Como os contactas?

— Gosto de os ver, sentar-me a seu lado, conversar, olhá-los nos olhos, sorrir e conviver.

— Prendei-o. Elemento estranho e nocivo. Não podemos parar, pensar, sorrir...

Escrevo-te de Malanje. Olho, agora, uma frondosa casuarina — seus ramos altos acenam com graça e leveza.

Padre Telmo

Notas do Tempo

Continuação da página 1

pela guerra e que por ali vegetavam abandonadas à sua inércia e à dos seus governantes. Assistí-los com o mínimo de estruturas indispensáveis a um viver humano, principalmente nas áreas da Saúde e da Escola; e estimulá-los ao trabalho sem o qual não haveria progresso em ordem a uma autonomia, para já de subsistência — tem sido o extraordinário esforço materializado com alguns recursos partilhados pela Casa do Gaiato (da qual o garante tem sido o Povo português através d'O GAIATO) e com auxílios vindos do estrangeiro, sobretudo da Cooperação espanhola. Sempre que lá tenho ido, com a alegria do bem que se vai erguendo, mistura-se um complexo de tristeza perante o vazio da Cooperação portuguesa.

E nós temos uma Secretaria de Estado com este nome, diversificada do Ministério dos Negócios Estrangeiros! Que faz ele? Que tem feito ao longo destes quase doze anos que passaram sobre o nosso regresso a África?

Não tenho gosto nenhum por contos. Mas gostaria de conhecer as desta Secretaria... para ajuizar da cooperação que o Povo português partilha mediante um secretário-zinho ao seu dispor — este pequeno Jornal «perturbador das consciências acomodadas» que é O GAIATO.